



# TAMANA ALIVE

À Biblioteca Pública de Braga

16  
SETEMBRO  
1972

## SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

# BELEZAS E ENCANTAMENTO

Por Narciso J. Gonçalves

Quem não conhece o espaço hidrográfico que medeia entre as azenhas de Ombra e as de Jós? Nem mais, nem menos! O leitor que nasceu neste rincão de Amares — já não falo dos apaixonados da pesca — não ignora que a dois passos da Feira-Nova, e dentro da área da sua circunscrição geográfica, corre, silencioso e calmo, como peregrino fatigado que vem das bandas do Larouco, o nosso poético rio Cávado, de margens debruadas por vegetação luxuriante e variada, de um verde esmeralda a contrastar com o pardacento das vertentes musgosas que as ladeiam, e em cujas águas límpidas se revêem as musas do egrégio Sá de Miranda.

Numa extensão de mais de dois quilómetros, sem troços ou empecilhos que embarquem a navegação recreativa, as pesqueiras das azenhas de Ombra a que venho de me referir só têm congénere nas de Jós, um pouco abaixo do Penedinho, já na freguesia de Proselo, — sítio por nós tão utilizado para banhos vespertinos naqueles memoráveis dias de canícula das nossas infância e mocidade!

Mas tudo isto sempre existiu como tesouro escondido ou filão inexplorado, por falta de acessos adequados. De repente, porém, e como que por encanto, à laia de bela flor que brota espontânea do restólho agreste, rasga-se uma estrada de ligação entre o Largo Dr. Oliveira Salazar e o nosso rio. Desta feita, — e já a ela me referi há tempos — o que ontem era quâse inconcebível, tornou-se, hoje, realidade palpitante de perspectiva de belezas e encantamento num futuro próximo.

Resta, agora, que a nossa Ex.ma Câmara, sempre atenta às realizações do bem-comum, procure consagrar a nova via, que lhe vai ser entregue, segundo me informam, conferindo-lhe em sessão pública o nome por que virá a ser conhecida, e a empedrem e electrifiquem devidamente.

O meu benquistado e preclaro amigo João Macedo, alma «mater» deste cometimento juntamente com seu sócio e meu caro amigo António Paredes, escreveu neste semanário — e é certo — já terem começado as construções de prédios à face desta estrada. Pois bem! Nós que até aqui andávamos, no verão, à procura de frescas ribeirinhas, caminhando cinco quilómetros para Entre Pontes (Ponte do Bico), ou andando três para a Ponte do Porto, não teremos necessidade de o fazer mais, pois fica-nos o rio a escassos 1.500 metros, podendo o automóvel deslocar-se até à beirinha da água.

O que se torna mister é criar condições de estar comodamente, como sejam o arranjo do parque terminal da nova estrada e a edificação de um prédio — e há um bom sítio para ele, mesmo no fundo, mas sobranceiro a este parque e ao rio — onde poderia funcionar, na época de verão, um snack bar com esplanada para quem deseje gozar da brisa fresca que naturalmente provoca a evaporação das águas.

Até no inverno, porque não transformar-se em lugar de repouso e de abastecimento dos pescadores? O rio, naquelas paragens, é bastante caudaloso e profundo em certas zonas, bem se podendo, por isso, solicitar aos Serviços Florestais e Aquícolas o repovoamento piscícola a fim de que o atractivo deste saudável desporto jamais falte.

E porque não, também, poder-se dispor de uns tantos

(Continua na 4.ª página)

# Brasil para Portugal

ARTUR DE CASTRO BORGES

Por ocasião do 1.º Centenário da Independência, o maior orador vivo de Portugal que, por acaso, era, então o Presidente da República, António José de Almeida, proferiu, no Palácio do Catete, a 18 de Setembro, admirável discurso dos quais, «JURÍDICA», a magnífica revista editada pelo Instituto de Açúcar e de Alcool, sob a direcção sempre interessada de Teia Pinho de Rezende Silva, publicou o seguinte trecho:

«Portugal descobriu, povoou e defendeu contra a cobiça de estrangeiros, o território do Brasil. O Brasil independente de hoje tem pois que agradecer a Portugal o facto de ele lhe ter legado intacto, à custa de torrentes de lágrimas, tamanho e tão rico património. Mas Portugal tem que agradecer ao Brasil independente de hoje, a energia, a bravura e inteligência, o amor da Raça com que ele tem sustentado, aumentando-a desenvolvendo-a

e dourando-a numa maior majestade e beleza, a sua obra que foi a maior glória do seu grande passado. Creio que estamos pagos perante a História».

Acontece que, infelizmente nem o Brasil conhece Portugal, nem Portugal conhece o Brasil e, é preciso conhecer para amar.

Das 4 vezes que estive ao «jardim da Europa...», fiz verdadeiros testes a respeito e verifiquei com tristeza, que embora perguntem constantemente por parentes, paizinhos, amigos, confundem, por exemplo, o Pará com o Paraná, falam a pessoas do Rio como se conhecessem ou pudessem conhecer gente modesta do Recife e nada sabem de nossa extensão, o que fazemos, tendo ouvido dizer de um ou outro literato, nenhum músico, salvo estes que os «enlatados» gritam nos alto-falantes de todas as paróquias...

Na casa de um dos maiores homens da Mãe-Pátria, por

exemplo, num jantar, quando falei que estávamos construindo uma estrada de rodagem de mais de 2.000 km2 foi uma admiração tão grande, inclusive porque não tinham ideia daquele «território» de que já falava José de Almeida em 22!

Por isso, entendo que há necessidade, além dessa ideia admirável que é a vinda e a ida de um Ministro de lá e um de cá, e de tudo que tem sido feito, de procurarmos escrever sobre o Brasil, visando a velha Lusitância porque conhecendo, vamos amando.

Podia-se por exemplo começar por José Martiniano de Alencar, por várias razões, entre as quais, indirectamente, porque a Editora Aguilar, de Madri, acaba de lançar

«Continua na 4.ª página»

## 5.ª COLUNA

O Mundo entristeceu! Convenceu-se agora — e levou tempo, caramba! — que tudo gira à volta do interesse bárbaro de sempre. Nero fora o pior! Esquecidos, contudo, na esperança de que Cristo o transformaria, andámos dois mil anos à espera da harmonia universal. Surge, porém, em 1930 um émulo de Nero: Hitler!

Tudo voltou à civilização neroniana! Morreram milhar de milhares, em holocausto a uma vida mais sã, mais dilecta, mais solidária. Não obstante, fora Hitler que nos Jogos Olímpicos de Berlim consagrou a melhor forma de solidariedade desportiva. Tal, como Nero, gostava de demonstrar certa benevolência, determinado acrisolismo pela Humanidade. É o trivial do déspota. Todos são assim, continuando a ser pelo tempo alem. O alemão ainda não olvidou Hitler. E como homenagem à sua triste memória até levou neste ano da graça de 1972 os Jogos Olímpicos para Munique, cidade alemã onde nasceu o nazismo!

Se alguém deu por isso, tudo se calou. Menos eu!

(Continua na 4.ª página)

# VILA DE AMARES

## MINISTÉRIO DO INTERIOR

Direcção-Geral de Administração Política e Civil

Decreto n.º 40 251

Considerando que os estudos urbanísticos da sede do concelho de Amares abrangem grande parte da freguesia de Ferreiros, que já se encontra dotada de rede de distribuição domiciliária de água e de distribuição de energia eléctrica e constitui natural continuidade da vila;

Considerando a conveniência de se adoptarem regras uniformes em toda a zona subordinada ao plano de urbanização;

Tendo em vista os pareceres favoráveis da Câmara Municipal de Amares, da Junta de Província do Minho e do governador civil de Braga;

Nos termos do n.º 3.º do artigo 12.º do Código Administrativo;

Usando da faculdade conferida pelo n.º 3.º do artigo 109.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo o seguinte:

Artigo único. Considera-se incluída na vila de Amares a zona da freguesia de Ferreiros abrangida nos estudos de urbanização da mesma vila.

Publique-se e cumpra-se como nele se contém.

Paços do Governo da República, 8 de Julho de 1955.— FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO LOPES — António de Oliveira Salazar — Joaquim Trigo de Negreiros.

## Não é de favor a situação dos Trabalhadores Portugueses na FRANÇA

Não é de favor a situação dos trabalhadores estrangeiros na França—explica, nas colunas do «Portugal Popular», uma crónica assinada por António Pardal — porque somos uma mão de obra indispensável: ocupamos uma grande percentagem de empregos sem qualificação que os franceses não querem aceitar.

«Porque produzimos para a economia da França, sem que a França tivesse gasto sequer um cêntimo com a nossa educação e formação;

«Porque somos consumidores dos seus produtos, perto de 800 mil a consumir o seu pão, o seu vinho, a sua carne, o seu peixe, o seu vestuário, os seus medicamentos;

«É porque aumentamos anualmente a população francesa e a tornamos mais jovem: em 1968, de 830 mil crianças nascidas em França, mais de mil tinham pais estrangeiros ou naturalizados.»

Na mesma crónica revela-se:

«Na construção civil, um trabalhador em cada quarto é estrangeiro. Nos trabalhos públicos em cada dois um é emigrante. Se, num futuro próximo, todos os estrangeiros fossem obrigados a partir, toda a produção automóvel francesa ficaria desorganizada. Não se construiriam mais estradas, nem barragens, nem centrais eléctricas. Por reflexo milhares de empregos franceses seriam suprimidos noutros ramos da Indústria.

Não haveria açúcar nem vinho. O arroz não seria colhido. As maçãs não seriam apanhadas...»

## Telefones para serviços URGÊNCIA

Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62121
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62145
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.Mta.)	62163

## ANEDOTAS

—E a tua mulher como vai?  
—Nem me fales nisso! Está cada vez mais surda. Calcula que na noite passada, explodiu um armazem de petardos ao nosso lado, um estrondo dos demónios, que espalhou o pânico entre toda a gente do bairro...

—E foi então a detonação que a deixou surda.?

—Nada disso! Ela acordou e disse-me: «Toma o teu xarope! Sabes bem que a tua tosse me incomoda».

\* \* \*

O pai querendo dar ao filho uma pequena e familiar lição de física recreativa, pergunta-lhe:

—Olha lá, Zézinho! Quando a água ferve dentro de uma cafeteira qual a utilidade do vapor que faz levantar a tampa?

O filho depois de breve momento de agitação respondeu muito lampeiro:

—Serve por exemplo, para a mãe abrir as suas cartas antes de o pai as ler...

\* \* \*

—Tenha compaixão dum pobre cego carregado de família...

—Quantos filhos tem você?  
—Não sei Senhor! Como não vejo nada!...

Ludovina Pontes

## Adoração

Fui perguntar ao céu, donde cai neve,  
—Ainda não são horas, porventura,  
De embriagar de sol a noite escura,  
A longa noite desta vida breve?

Porque hei-de ter a dor que ninguém teve  
De ser só lama e desejar brancura,  
De querer transcender minha loucura  
Sem descobrir a força que me eleve?

No mar vasto de Dúvida e Certeza  
Que irago, em tempestade, aqui no peito,  
A voz do céu responde, com firmeza:

—Que sabe o nada de que tu és feito  
Dos abissais mistérios da grandeza  
De Deus? Que sabes tu? E eu calo e aceito,

## Vende-se em Navarra-BRAGA

Quinta de rendimento com a área aproximada de seis hectares, de lavradio, mato e pinheiros, sendo a parte cultivada toda regada. Esta bem avidada, tem casa de caseiro com espaço de acordo com o volume do maravilhoso prédio para quem o queira destinar a qualquer cultura e pecuária. Tem bom caminho para servidão automobilística e construções urbanas.

Informa Elísio Gonçalves - Faia. Carrizado - Amares, com Telefone n.º 32308

## CALAFRIO

Continuado do número anterior)

durante os nossos passeios, qual o sítio predilecto dela. Eis porque eu imprimira aos passos de Mrs. Grose uma orientação tão definida — uma direcção que fez com que ela, ao dar por isso, lhe opusesse uma resistência que mostrava estar de novo embarçada.

«Vai para a água, Miss? Pensa que ela estará aí...?»

—Pode ser, embora a profundidade das águas em parte alguma seja muito grande. Mas o que me parece mais provável é que ela esteja onde nós outro dia vimos aquilo em que lhe falei.

—Quando ela fingiu não ter visto...?»

—Com aquêlê atarrador auto-domínio! Tenho estado sempre convencida que ela ansiava por voltar ao mesmo sítio. E o irmão encarregou-se, hoje, de preparar as coisas para ela poder fugir.»

Mrs. Grose permanecia ainda onde se havia detido.

«Está convencida, Miss de que eles conversam um com o outro acerca dos outros?»

Com que confiança eu podia responder a isto!

«Dizem coisas que, se os ouvíssemos ficaríamos pasmadas.

—E se ela lá estivesse...?»

—E depois?

—Então Miss Jessel estaria lá também?

—Evidentemente. Vai ver.

—Oh, muito obrigada!» exclamou a minha amiga, parando, enquanto eu, certa de que ela ali ficaria, continuei o caminho sòzinha. No momento em que cheguei ao lago, via porém junto de mim, e verifiquei que, acontecesse o que acontecesse, a minha presença sempre seria para ela o menor perigo. Mrs. Grose soltou um suspiro de alívio ao ver a grande toalha de água e sem descobrirmos a pequena. Não havia vestígios de Flora, nem naquele ponto mais próximo da margem onde em tempos ela me causara um tão grande sobressalto nem do lado oposto, onde, à excepção de uma faixa de uns dez metros, uma densa mata descia até à água. O lago, de forma oblonga, tinha uma tão escassa largura em relação ao comprimento que, quando os extremos estavam encobertos, se poderia confundir com um extenso rio. Olhamos a superfície deserta, e então notei o que os olhos da

minha amiga davam a entender. Percebendo-a, repliquei com um aceno negativo de cabeça.

«Não, não; espere! Meteu-se no barco!»

A minha amiga, ao ver a amarração vazia, percorreu o lago com a vista e estremeceu.

«E onde estará então o barco?»

—Quere melhor prova? Flora serviu-se dele para fugir, e depois tratou de o ocultar.

—E fez tudo isso sòzinha—aquela criança?»

—Não está sòzinha, e nestes momentos não é uma criança; é uma mulher idosa, muito idosa.»

Eu percorria com a vista toda a margem visível, enquanto Mrs. Grose mergulhava outra vez nas visões estranhas que eu lhe oferecia, com um dos seus mergulhos de submissão; depois lembrei-me que o barco talvez estivesse em qualquer desses pequenos refúgios formados pelos recessos do lago, em qualquer dessas reentrâncias disfarçadas exteriormente pela projecção da margem e por esses grupos de árvores que estendiam os seus ramos por sobre o lume de água.

«Mas se o barco aí estivesse, ela onde se encontrava?» perguntou ansiosamente a minha colega.

«E, precisamente o que nós precisamos de saber.» E preparei-me para continuar a marcha.

«Temos de dar toda a volta ao lago?»

—Com certeza, por maior que ele seja. São apenas uns minutos mas é, quando basta para fazer com que a pequena preferisse não ir a pé. Atravessou o lago.

—Credo!» exclamou a minha amiga outra vez; a cadeia da minha lógica era forte demais para ela. Isto arrastou-a atrás de mim: e quando chegámos a metade do caminho — era um tortuoso e áspero percurso ao longo de um terreno muito acidentado e por uma senda obstruída por densa vegetação — parei para a deixar tomar fôlego. Amparei-a com um braço reconhecido, assegurando-lhe que ela me poderia ajudar muito; e pusémo-nos a caminho de novo. Minutos depois, chegámos a um ponto de onde descobrimos que o que o barco estava onde eu calculava. Tinha sido intencionalmente deixado oculto e amarrado a uma das estacas da barreira que naquele lugar descia até ao lume de água e que havia servido para desembarcador. Eu notei, ao olhar para os dois pequenos e grossos remos, alçados em segurança, quanto havia de difícil serem manejados por uma pequenita; mas já tinha vivido então bastante no meio de prodígios e coisas bem mais extraordinárias me haviam já feito

(Continúa no próximo numero)

# TRIBUNA do CONCELHO

## Notícias do Concelho

### O Problema da Carne

Os preceitos higiénicos são respeitados pelos talhantes de Amares tendo o público a satisfação de comer carne sem escrúpulos porque o médico veterinário garante com a inspecção a sua sanidade. A esta situação opõe-se agora as novas instruções recebidas pelos marchantes deste concelho, que não tem Matadouro Municipal, nem a sua falta se fazia sentir pelo lado da higiene. Mas por não haver matadouro passam a não receber o subsídio que recebiam para vender a carne à tabela. Recebiam esse subsídio para entregar ao lavrador no acto das transacções somente com gado de peso superior a 150 Kilos.

O lavrador abatia ao preço do seu gado o valor do subsídio e assim os talhantes podiam cumprir o que lhes era imposto por lei. Os talhantes Amarenses e outros desprovidos de Matadouro Municipal terão de aguardar a construção de matadouros regionais ou industriais para tornarem a usufruir essa regalia e até lá a carne deve faltar ou encarecer porque os vendedores de gado vão procurar os concelhos beneficiados pelos matadouros Municipais.

Mas pergunta-se: Quando serão construídos e onde esses matadouros? Quem leva os animais e traz a carne para as localidades distantes? O pagamento será feito imediatamente? De qualquer modo a situação agrava-se se tudo não voltar ao ponto que estava até que se construam esses matadouros. A situação de desigualdade de comércio provocado pelas novas medidas precisam de ser consideradas porque está em causa o interesse público.

### A última Rainha de Portugal

Dona Amélia de Orleães e Bragança foi a última rainha de Portugal. Nascida em 1865 em Inglaterra, era a filha mais velha dos Condes de Paris. Desde menina, a sua beleza e os seus dotes de inteligência e bondade, fizeram-se notar. Não admira pois que o rei D. Carlos se apaixonasse por ela mal a conheceu, numa das suas várias viagens a França. Após o noivado, ali celebrado, realizou-se com toda a pompa o casamento na Igreja de S. Domingos em Lisboa; Decorria o ano de 1886 e contava a jovem rainha 21 anos. A sua radiosa formosura a todos entusiasmava, assim como o «charme» do seu trato. O Povo adorava a «sua rainha» e tudo eram rosas e felicidade sem nuvens!

Nasceu o primeiro filho o príncipe Luíz Filipe, novo motivo de júbilo para os reis de Portugal, visto que havia já um herdeiro para a corôa. Veio ao mundo, depois uma menina, Maria Ana, que poucas horas durou após o nascimento e fez com que a mãe, D. Amélia, pela primeira vez chorasse as primeiras lágrimas. Porém, o nascimento de D. Manuel em 1889, trouxe novamente alegria ao casal régio.

D. Amélia não tinha tempo para tudo o que se propunha. Dedicava-se de alma e coração a obras de caridade e beneficência, à educação dos filhos, ao desenho e à pintura que a notabilizaram. Fundou o Instituto de assistência aos tuberculosos, o Dispensário das Crianças, o Hospital do Rego etc.. Pela sua incansável generosidade o Papa distinguiu-a com a «Rosa de Ouro», não se preocupava com a vida política do marido mas avaliava os seus desgostos e as suas responsabilidades. O povo era a sua preocupação e por isso era por ele adorada. No entanto as nuvens negras iam-se tornando ameaçadoras, os ânimos exaltados ansiavam por violência e destruição...

Como mulher e mãe presentiu que a tragédia iria abater-se sobre a família real. Temerosa, fez retardar a saída de Vila Viçosa para Lisboa. Em 11 de Agosto de 1908, o drama consumou-se e começou desde essa data fatídica o longo calvário da rainha D. Amélia. Em 1910, quando se encontrava em Sintra, estalou a revolução republicana. Ao embarcar com a família real a bordo do iate «Amélia» julgava vir para o Porto... Quando soube que isso já não era possível e que o destino era Gibraltar para dali seguir para Inglaterra, a ex-rainha pronunciou com desalento a frase histórica: «Do exílio não se volta».

Quando o filho casou, D. Amélia passou a viver em Versalhes, no castelo de Belheune. Outro desgosto terrível voltou a apunhalar o seu coração quando da morte de D. Manuel... Em maio de 1945, com cerca de 50 anos, deslocou-se a ex-rainha a Portugal em romagem aos túmulos dos mortos queridos que repousavam na Igreja de S. Vicente de Fora. Recordou talvez a data, 19 de Outubro, precisamente aquela em que há 50 anos volvidos chegara a Lisboa, radiosa de beleza e felicidade!

A vida fora impiedosa, sim, mas soube suportá-la com dignidade e coragem, cumprira o seu dever. Em 1951, davam entrada na Igreja de S. Vicente os restos mortais da última rainha de Portugal juntos aos dos familiares que encerraram a monarquia começada em Guimarães com o rei D. Afonso e a quem Portugal tanto deve pelos seus feitos esquecidos pelos assassinos de uma nobreza continuadora de tantas glórias. Mas viu-se o resultado em 16 anos da «regência» republicana. Penas de Taleão...

— Por —

**Elísio Gonçalves**

Carracedo

Amares

## Vida elegante

### Aniversários

#### Fazem anos:

Hoje o sr. Arnaldo da Silva Tomé e o sr. Manuel Gonçalves Leite.

No dia 18 a sra. Adelaide Veloso.

No dia 19 a sra. Josefa Amorim da Silva Leite — Amares — filha do sr. António M. S. Leite, nosso assinante ausente no Brasil.

No dia 20 o sr. Fernando António Almeida Rodrigues e o nosso estimado assinante e amigo sr. Agostinho César Correia Peixoto, de Goães.

No dia 21, o sr. Delfim da Silva Pinto, natural de Rendufe e residente na Buraca — Damaia.

No dia 22 a sra D. Eufrásia Maria Fernandes Barbosa de Macedo e a sr. D. Carlinda Gomes de Abreu Macedo.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

## TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

## Por Caires

Continuamos hoje a falar da Estrada para o Monte de S. Pedro Fins, sobranceiro à freguesia de Caires e à Vila.

Vai ser nomeada uma comissão em Caires e outra na Feira Nova, fazendo parte, por Caires, os Ex.mos Senhores:

Padre Luíz Antunes de Almeida

Luiz de Sousa

António Joaquim Dias

Adelino da Silva

António Sebastião Vieira Esteves

Carlos da Silva

José Dias Pinheiro

José Bento Vieira

Alberto José Fernandes

Da Feira Nova fazem parte os Senhores:

Dr. Paulo Macedo

João Macedo

Jaime Dias

António Russell

Domingos José Dias

Manuel Luíz Gomes da Silva

José Pereira Lopes

Estas comissões baterão às portas amigas de presentes e ausentes para angariar fundos.

Damos a público mais donativos recebidos:

Domingos Dias Soares . . . . . 5.000\$00

Joaquim Augusto de Araújo. . . . . 1.000\$00

O pároco de Caires oferece todos os rendimentos do próximo ano e já é importante ajuda.

Dentro em pouco este jornal fará saber a data duma reunião das Comissões no Restaurante Milho Rei, para se trocarem impressões e tratar de assuntos referentes à obra.

Por S. Pedro e pelo Concelho. Mãos à obra.

## ANIVERSÁRIO

Tone Jorge



Na próxima quinta-feira, dia 21, passa a XX aniversário do nosso assinante e estimado feiranovense sr. António Jorge Gonçalves Macedo Martins.

Porque sabemos que é um moço popular, despi-do de peneiras e de vaidades — rendemos-lhe sinceros parabéns, extensivos a seus pais residentes em Vila Real, nossos estimados assinantes, e desejamos-lhe que esta data se repita por longos e bons anos, incluindo os da tropa, onde breve será incorporado como miliciano.

Parabéns, Tone Jorge!

# O JOIO PODE MATAR

Há males inevitáveis — toda a gente sabe. Mas há, também, as adequadas medidas profiláticas e terapêuticas, aplicáveis segundo convenha, na defesa do bem comum. Passando os olhos pelo áspero terreno das mais flagrantes realidades do nosso tempo — dando prioridade àquelas que directamente nos digam respeito, é evidente... — somos forçados a perguntar se determinados «orientadores da opinião», os que informam e formam (ou *deveriam formar*...) estarão honestamente a utilizar os métodos mais correspondentes às suas funções de interesse público. Pierre Gaxote formulava, há tempo, interrogação análoga, salvaguardando o respeito devido a quem dê provas de situar acima das tendências individuais ou de facção os interesses morais e espirituais de quem os escute ou leia.

É inegável que os conhecimentos adequados não se improvisam, não resultam unicamente da intuição, por mais apurada que esta seja. Ora, ao que concluem vários observadores nacionais e estrangeiros, «alastra no Mundo o predomínio do empirismo, muitas vezes medíocre e, por medíocre, buscando explorar o «êxito fácil», provocando a emotividade das massas populares, em vez de as esclarecer e tornar aptas a apreciar os homens e os factos. É uma espécie de «droga» que se propaga — quer através de prosas de duvidoso equilíbrio gramatical, quer por meio de imagens escolhidas com sentido demagógico.

Assim, num sector que deve ter autoridade e prestígio, força positiva e construtiva, surgiu o joio — que vai crescendo e ameaçando entontecer as consciências. E dizemos «entontecer» com perfeita propriedade. O joio o «*lolium temulentum*» de Linneu — da família das gramíneas — insinua-se nas melhores searas, confunde-se com o trigo de alta qualidade. Os seus frutos amadurecem ao mesmo tempo que ele. Chegada a debulha, é difícil descobri-lo.

Ora acontece que o joio contém uma substância alcalóide denominada «temulina» — altamente tóxica para homens e animais. Caso curioso! O alcaloide não pertence propriamente à planta, mas sim a um fungo que nela se instala em condições propícias. Seja como for, essa substância não se limita, por vezes, a entontecer, a criar desvarios. Mata! Mata por ser venenosa em extremo. Eis o que existe, pois, sob aparência tranquilizadora, discreta, pacífica e confundindo-se com o bom trigo maduro, pão para a boca...

Pois é de joio - e do pior - que se trata. Envenena, em geral, de maneira irremediável! O aspecto é sempre inofensivo. Até pode enfeitar-se de papoulas festivas, atraentes para os olhos. Mas, chegada a hora própria, o tóxico exercerá a razão judicativa — destruirá almas! Cabe a alguém defender a seara. É dever de governantes e governados. De todos nós, supomos!

## Belezas e Encantamento

(Continuado da 1.ª página)

barquinhos para passeio até às pesqueiras de Jós? E, à semelhança do que se fez em Barcelos — e muito louvavelmente — pensar-se a sério na construção de uma piscina fluvial para melhor segurança dos que pretendam tomar o seu banho à vontade e livres de perigo?

Penso que se abriram as portas férreas de um passado obscuro e indesejável, para dar passagem ao merecido e luzente progresso que o concelho tanto ambicionava há muito.

Apelo, pois, desta Tribuna para a iniciativa particular e, a despeito de não ter muito dinheiro, para a nossa ilustre e digna Câmara Municipal, a que preside o meu esclarecido amigo e advogado Dr. Paulo Macedo, a quem saúdo e cumprimento.

**EM AMARES (Feira Nova)**

**ALMOCE OU JANTE**

**NO RESTAURANTE**

**« MILHO REI »**

**Café — Snack — Bar**

**Casamentos - Baptizados - Festas elegantes**

# Brasil para Portugal

(Continuado da 1.ª página)

«La Poesia Gauchesca y el Centenario del Martin Fierro», pois, Alencar foi posta em prosa embora poetasse mal, quando queria ser poeta e escreveu «O Caucho», como ninguém talvez escreveu.

Nascido em Mecejana, no Ceará, filho de um padre, impressionou-se ele, perdidamente pelas florestas brasileiras que teve de percorrer em grande parte, em viagens a que foi obrigado fazer.

Nacionalista extremado, como não podia exaltar os braços e armas, como Camões, caiu naquela corrente que se chamou o (indianismo) e de que são exemplos também Chateaubriand, com «Átala» e que deu motivo para tantas ideias e teses, como, possivelmente, a de «Contract Social», de Rousseau. Cantava, pois, em prosa e verso, como se diz, o Índio que seria inteligente, forte, belo, etc., etc.

A obra de Alencar inicia-se praticamente, com «IRACEMA» anagrama de América, que procurava exaltar e, antes, houve, «UBURAJARA», de pouco sucesso. Neste conta a vida dos índios, como caçavam, pescavam, etc.

Em «Iracema», mostra o

encontro do selvagem primitivo com o português, nascendo «Moacir», «o filho da dor». Segue-se o romance que fez mais sucesso em toda a carreira alencariana: «O Guarani», em que se caldeiam, por assim dizer, todas as correntes do século XVIII: índios, portugueses, italianos, espanhóis, Judeus... mas tudo num clima de romantismo que enleva todos os corações jovens e amantes.

Não satisfeito, Alencar ressaltava, em outros livros, pontos e tipos interessantes do Brasil, como «O Caucho», ou «Minas de Prata», lenda-romance de Robérios Dias, como em «Viuvinha», «Divina», «A pata de Gazela», etc.

R. Magalhães Júnior, em «JOSÉ DE ALENCAR E SUA ÉPOCA», chama-o praticamente de homem-contradição, pois, defendeu a legitimidade do casamento, em que pese sua origem; criado liberal, foi conservador; escreveu pro libertação dos escravos e falou, como parlamentar e como Ministro, contra o abolicionismo; romântico em tudo e por tudo, escreveu, entretanto «Lucíola», que é quase naturalismo...

Infelizmente, para nós, hoje, a política interferiu no lite-

rato e no escritor, pois, Alencar teve, sempre, verdadeira psicose de não ter conseguido a senatória, dizem que por impedimento de D. Pedro I, que o achava, então, muito jovem e isso sempre o prejudicou pela vida afora.

«Além, muito além daquela serra que inda azula no horizonte», nasceu, não só «Iracema» a virgem dos lábios de mel que tinha o sorriso mais doce que o mel da jati e os cabelos tão negros como a asa da grauaana», mas, também este que Nabuco chamou de «fauno de terra cota» e que retrocou ser o nosso antigo embaixador no «States» de «Apolo de fesso», pois, não era homem de engeitar combates, dos quais, quase sempre saía vitorioso.

O maior romancista brasileiro fez obra admirável e em que pese seus excessos, haverá sempre, no coração do homem, alguma Ceci, ou seja, na língua do índio algum «dodói», algum «xamego», algum amor, ainda que o homem esteja na lua...

## 5.ª COLUNA

(Continuado da 1.ª página)

Eu, que tenho pelo despotismo a mais sincera repugnância, o mais hediondo desprezo, não deixo passar em claro esta nova afronta germânica ao mundo que pretende, com as Olimpíadas, tornar-se solidariamente pacífico. Afinal, os arabs, senhores da guerra santa, transformaram a maior Festa da Paz num terrível anátema, odioso e pejado do sangue de vítimas inocentes.

Foi em Munique que o evento se processou. Munique continua a ser terra de contestação, terra amaldiçoada pela mão da repulsa inspiradora de um dos últimos tiranos da Humanidade. E foi precisamente ali que o ódio conseguiu reinar com aquele prestígio que somente a ignomínia lhe dá e o faz extravasar. Tinha de ser ali! A dez quilómetros do maior crematório incrível do mundo: Dachau! Só essa ínfima distância, que qualquer atleta olímpico podia cobrir, chegava para que as Olimpíadas-72 não se realizassem em Munique. Mas realizaram-se. E como corolário dessa nefasta recordação realizaram-se sob a égide do ódio. Ódio nojento, manifestado através do maior crime da História desportiva. A chacina premeditada de atletas indefesos, cuja única culpa era o alegre desejo de conquistarem para eles e o seu país a mais honrosa posição dos melhores desportistas.

Triste mundo em que vivemos, leitor. Se isto é viver...

## MANO-A-MANO

Uma vez mais a corrida T. V. foi excelente. Este ano, na 10.ª edição das corridas tauromáquias organizadas pela Casa do pessoal da R.T.P. teve êxito maior. Deu-se o facto da despedida triunfal de Diamantino Vizeu.

No dia anterior tinheis visto e ouvido Diamantino Vizeu através das câmaras contar a sua vida taurina. Numa voz doce e poética o primeiro matador de toiros português deu-nos com uma clarividência espantosa as facetas mais importantes da sua vida. Narrou-nos a difícil luta que teve para impôr a sua relevante classe perante um público não habituado a ver em Portugal matadores. Sim, porque até o Sindicato dos toireiros não tinha tal classe.

A noite de 24 de Agosto fica na memória de todos os que foram ao Campo Pequeno ou pela T.V. viram a exuberante corrida. Pois foi nessa noite de bochorno que Diamantino Vizeu se despediu. Com verónicas iniciou a sua última faena. Em toda, a ela, o público aplaudiu. Mais ferventes foram os aplausos quando Diamantino Vizeu com um quite de gaoneras deu fim à sua memorável e última faena. Em seguida veio o inevitável — o corte de colecta. Público de

pé. Aplausos efervescentes. Lenços num último adeus. Flores. Música. Foi nesta simbiose que a praça do Campo Pequeno viu sair aquele que é o primeiro matador de toiros lusitano.

O mês de Agosto está ligado com a festa de Diamantino Vizeu e a outro facto. O dos vinte cinco anos que passaram, daquela tarde em que o infortúnio se quedou em «Manolete». Foi precisamente na tarde de 28 de Agosto de 1947 que o cordovez «Manolete» levou uma cornada de «Islero». Na madrugada do dia imediato, Manuel Rodriguez Sanchez vinha a falecer no hospital de Linares.

Vinte e cinco anos decorreram sobre a morte do maior da tauromaquia. Foi sob a égide de «Manolete» que Diamantino Vizeu, com o seu «trajo de luces», teve a primeira grande tarde como matador de toiros.

Estes dois factos, o corte de coleta de Diamantino Vizeu, os vinte cinco anos do passamento de «Manolete», são os mais relevantes, este ano, na Festa Brava.

Paz à alma do saudoso «Manolete»; a mais lídima saudade para Diamantino Vizeu, são o *mano-a-mano* que aqui veneramos.

Sousa Gonzales

EME ABRIL